

Diário de Quarentena

Paulo César Giordano Nogueira¹

24.III.20 – Terça-feira

Decretada a quarentena oficial em São Paulo. Pandemia. Medo, terror alimentado pela mídia. O Brasil, assim como o resto do mundo, clama: “Fique em casa!”. Ligo a televisão e só se fala em número de mortos e infectados. A Itália domina o noticiário, centenas de idosos morrendo em casa, sozinhos, muita tristeza. Busco canais de notícias que mostrem alguma esperança. Nada. Desligo a televisão e alcanço o celular. Nos grupos de *WhatsApp* me distraio um pouco com as piadas sobre o trágico momento (afirmando nosso ethos brasileiro), que chegam intercaladas com a mesma quantidade de imagens de santos, orações e correntes. O profano e o sagrado oferecidos como subprodutos de consumo imediato.

25.III.20 – Quarta-feira

Cancelaram minhas aulas de violão. Então o negócio é sério. No escritório sou avisado que em breve iremos todos trabalhar em casa. *Home office, lockdown*. Anglicismos desnecessários, quantos hão de surgir até o fim da peste? E isso me remete a Camus; com vontade de reler *A Peste*, puxo da estante uma edição de 1973 garimpada em sebo, com tradução de Graciliano Ramos. Abro aleatoriamente, página 58, começa exatamente assim: “uma peste violenta assolou a Itália, tão violenta que só restavam ali os vivos necessários para enterrar os mortos.” E meus olhos seguem algumas linhas abaixo, as aspas no texto chamando minha atenção: “– Meus irmãos, a mesma caçada fatal hoje prossegue aqui nas ruas. O anjo da peste, belo como Lúcifer, luminoso como o próprio mal, surge por cima dos vossos tetos. (...) talvez agora a peste invada a vossa casa,

¹ Jornalista pela Faculdade de Comunicação Social Cásper Líbero, mestre em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo PUC-SP.

entre no quarto e vos espere. Lá está ela, paciente, cuidadosa, segura como a própria ordem do mundo”.

26.III.20 – Quinta-feira

Volto pedalando do trabalho; poucas pessoas caminhando, as ruas me parecem mais bonitas, ainda que tristes. Vou em direção ao Ibirapuera; ver o parque fechado foi o que me trouxe à realidade de fato. Até então pensava na pandemia como algo externo a mim, como se isso não fosse afetar tanto minha vida. Chego ao Monumento às Bandeiras, decidido a admirar a obra bem de perto como há muito não fazia. Circundo a majestosa escultura várias vezes, pedalando bem devagarinho e um detalhe me chama a atenção: sempre achei que todos os homens estivessem se esforçando ao máximo para arrastar a grande canoa, mas na realidade apenas o último homem é quem empurra a embarcação. Chegando à casa, ao sentar para escrever essas palavras, me dou conta dos sinais que a vida nos dá. A obra de Brecheret como alegoria para o momento pelo qual estamos todos passando. Não existe o eu separado do todo. “Toda vida verdadeira é encontro”, palavras do profeta da relação, Martin Buber, para quem o “Eu sem o Tu é apenas uma abstração”. A canoa dos bandeirantes não chegará a lugar algum sem que todos façam a sua parte.

27.III.20 – Sexta-feira

Urbi et Orbi. Ligo a televisão para assistir à benção solene do Papa Francisco com transmissão direta do Vaticano. Surpreende-me ver o Pontífice, visivelmente debilitado, caminhando solitariamente numa São Pedro vazia e chuvosa. A Igreja sem povo, penso, como fica? Se esse confinamento durar meses, como fica a questão da eucaristia e os outros sacramentos quando a comunidade, corpo da Igreja, se torna virtual? Questões para uma nova era que se avizinha. Agradou-me ver o Papa solitário; assim como ele, há milhares de idosos no mundo todo isolados em suas casas que devem ter se sentido representados. Não

memorizei o discurso papal, depois terei tempo de ler com calma na internet, mas lembro de uma passagem sobre a tempestade, sobre estarmos todos no mesmo barco, sobre todos sermos um. Exatamente sobre o que eu havia refletido ontem.

29.III.2020 – Domingo

Li uma frase bonita no blog de uma escritora argentina, Laura Ferrero, cujo perfil sigo no Instagram: “Para escribir hay que cerrar las ventanas, pero para saber sobre qué escribir, es necesario abrirlas”. Minhas janelas hoje são meus livros, muito mais do que a internet e as redes sociais, que me distraem demais. Retomei os estudos da Bhagavad Gita, um capítulo por dia é o que me proponho a fazer. Comecei pela Gita comentada por Annie Besant, uma edição de 1929. Besant não faz longos comentários, limitando-se apenas a explicar alguns termos em sânscrito, provavelmente os mais estudados na literatura teosófica. É um texto base, de modo que tenho ao lado a obra do Prabhupada para me orientar quando surge alguma dúvida. Abro agora meu caderno com as anotações de leitura, quero registrar nesse diário uma passagem bonita (3:21) que me fez meditar pelo resto do dia: “o que quer que um grande homem faça, isso mesmo outros farão também; pelo padrão que ele estabelece, os outros se regulam”. Prabhupada comenta que as pessoas precisam de um líder “que possa ensinar o público através do comportamento que ele manifesta na prática; todos os líderes têm grandes responsabilidades para com seus dependentes, pelo que devem estar bem versados nos códigos morais e espirituais”. No momento em que li esse verso me lembrei do infeliz pronunciamento do presidente brasileiro, atacando as medidas de segurança adotadas pelo resto do mundo/OMS contra a “gripezinha”. Vivemos em uma época em que a vida, para alguns, não vale mesmo nada. E a Gita adverte: quem repudia o Dharma, incorre em pecado. Segura essa.

30.III.2020 Segunda-feira

Abro um livro e encontro no meio dele um pedaço de papel onde anotei uma frase do Osho: “A mesma rocha que bloqueia um caminho poderá funcionar como um degrau”. Amanhã completaremos uma semana de quarentena. Reflito sobre a frase do Osho, a rocha como metáfora dessa pandemia me parece bem interessante. Percebo alguma mudança em mim? Ainda é cedo para saber, mas noto que algo mudou: consegui enxergar como fui prepotente lá no início, bem antes da quarentena oficial, julgando em silêncio meus colegas de trabalho que estão indo trabalhar com medo, medo de levar o vírus para suas casas, contaminando seus filhos, seus pais idosos... Achando ridículo o uso exagerado do álcool gel e máscaras, a correria alucinada por esses itens nos supermercados. Agora tenho outro olhar, como fui orgulhoso em pensar que estava acima de todos, que o medo alheio era uma ignorância, mas não. É preciso que nos coloquemos no lugar do outro e sempre que possível, ajudar e respeitar o próximo. Estou trabalhando isso. Um degrau de cada vez.

02.IV.20 – Quinta-feira

Tenho comprado livros compulsivamente pela internet. Li em vários lugares pessoas afirmando que vão aproveitar a quarentena para botar a leitura em dia. Sei. De minha parte, disse o mesmo, e felizmente tenho conseguido um bom avanço em minhas leituras. E como não posso sair, muito menos viajar, o faço através dos meus livros de viagem (a viagem, a grande metáfora da vida!). Porque hoje chegou um Saramago pelo correio (Viagem a Portugal), é dele o pensamento que se segue: “A viagem não acaba nunca. Só os viajantes acabam. E mesmo estes podem prolongar-se em memória, em lembrança, em narrativa. Quando o

viajante se sentou na areia da praia e disse: 'Não há mais que ver', sabia que não era assim. O fim duma viagem é apenas o começo doutra". Vejo essa quarentena exatamente assim: o começo de uma nova jornada, uma oportunidade de nos reconectarmos não só com Gaia, que para nosso espanto já mostra sinais de cura, com águas e céus mais limpos, mas também com nós mesmos, que tratamos nosso planeta de maneira tão vil. Isso me remete ao pensamento do maravilhoso Claudio Naranjo, que disse que se nós soubéssemos que falta pouco para a nossa morte, aproveitaríamos mais o tempo que temos. E completa: "Se realmente sentirmos isso, talvez nos dediquemos um pouco mais ao que não é mera sobrevivência e conforto, dinheiro ou posição. Iríamos à procura das coisas mais profundas da vida, se soubéssemos que a vida é um recurso de que há escassez".

05.IV.2020 - Domingo

Arrumei um novo passatempo na quarentena: colagem. Tinha aqui um livro de contabilidade enorme, nunca usado, folhas sem pauta, grossas e que queria transformar em diário. Mas como escrevo sempre a lapiseira, não gostei do resultado no papel amarelado e por isso resolvi pegar todos os recortes que tenho guardado numa velha caixa e, por que não? – começar a colá-los aleatoriamente, um momento de recolhimento. Mal sabia que essa atividade me encantaria tanto. Ambientes externo e interno tranquilos, começo a escolher as imagens que entrarão na composição. Geralmente a primeira figura determina o padrão de escolha das outras, mas não sigo nenhuma técnica, o que vale é deixar a intuição aflorar. Os resultados são bastante interessantes, acredito que lá na frente conseguirei decifrar esse diálogo entre o consciente e o inconsciente, que é o propósito dessa prática. Comentei com um amigo sobre isso, demonstrando entusiasmo com meu novo passatempo e ele me disse que esse tipo de arte serve ou às crianças, ou aos loucos. Não deixei barato e retruquei: "*I pazzi aprono*

le vie che poi percorrono i savì” (Os loucos abrem os caminhos que depois serão percorridos pelos sábios). Quem disse isso não fui eu, foi um escritor italiano do século XIX, Carlo Dossi. Guardei essa frase por mais de dez anos sabendo que um dia iria usá-la. Aí está.

08.IV.2020 – Quarta-feira

Primeiro dia trabalhando em casa. Finalmente. Fico conectado até às 14h a serviço da empresa, depois estou livre. Hoje havia decidido adiantar algumas leituras sobre um tema que venho pesquisando há anos: o Silêncio. Separo os livros que comprei e vejo que já possuo um bom material para começar: *Silêncio*, *A Magia do Silêncio*, *O Poder do Silêncio*, *A Arte da Quietude*, *Silêncio na Era do Ruído* e *As Exigências do Silêncio*. Sento à mesa e abro *A Arte do Silêncio*, do Pico Iyer, que por acaso já havia resenhado no meu blog. Vou lendo as passagens que havia marcado na leitura anterior e me detenho no capítulo sobre a serenidade, Pico citando Pascal: “A maior parte dos males da vida origina-se da incapacidade do ser humano de ficar sentado quieto no quarto”. Concordo plenamente com o Pascal. E, também, com o almirante Richard Byrd, também citado pelo autor, que afirma que “metade dos problemas do mundo decorre do fato de não sabermos de quão pouco precisamos”. Essas palavras me entusiasmam; começo a sentir que nessa época de isolamento, a pandemia pode ser uma grande oportunidade de crescimento, de transformação interior. Converso com amigos e colegas de trabalho e vejo que todos sentem falta de coisas simples como caminhar num parque, estar junto das pessoas queridas, ou simplesmente tomar sol. O isolamento social é uma chance para pararmos com tudo (ou quase tudo) e perguntarmos a nós mesmos: o que estamos fazendo com nossas vidas? Diz o Pico que no mundo de hoje, onde impera a velocidade, nada é mais revigorante do que ir devagar. E completa: “Numa época de distração, nada é mais enriquecedor do que prestar atenção. E numa época de movimento

constante, nada é mais urgente do que permanecer parado, sentado em silêncio”. Que aproveitemos essa oportunidade. Nem que seja por força das circunstâncias.

10.IV.2020 Sexta-feira Santa

Frase do dia, que li na matéria da Leila Guerriero, uma escritora argentina que escreve para o El País: “Teremos um mundo depois disso. Mas que mundo teremos depois disso?”. Para meditar.

12.IV.2020 Domingo de Páscoa

Uma Páscoa que será difícil não recordar para quem celebra a festa da vida, quando no mundo só se fala de morte. Amigos e colegas de trabalho comentam que nesse ano “parece que não houve Páscoa”. Entendo que todos os cristãos que conheço sempre passam o feriado santo junto com a família; os que praticam vão à Missa, os que não praticam se reúnem para almoçar, o que importa é o encontro de familiares e agregados, o que não aconteceu esse ano. Penso em quantos de fato vivem o mistério pascal, o que me leva a refletir sobre o comprometimento real que as pessoas têm com suas práticas religiosas, sobretudo os mais jovens. Há espaço para o Sagrado na vida deles? Vejo no celular uma charge que enviaram em um dos grupos; de um lado, Satanás, de outro, Deus: - “Com o Covid-19 eu fechei suas igrejas”, diz o Diabo. – Ao contrário, responde Deus – “Eu abri uma em cada casa”. Gosto de pensar que isso se torne realidade.

15.IV.20 – Quarta-feira

Das redes sociais, a única que ainda me causa interesse é o Instagram. Também publico alguma coisa de quando em quando, quase sempre sobre literatura. Há coisas muito interessantes acontecendo por lá, textos, transmissões de vídeos e imagens bacanas. Há um perfil que gosto muito de seguir nesses dias de confinamento, o do jornalista Arthur Veríssimo. Achei a ideia dele sensacional, um rico material

de estudo para um cientista da religião. Há várias semanas ele publica diariamente fotos com o altar da casa de uma pessoa, qualquer pessoa que quiser pode participar. As fotos são uma delícia de ver, cheias de surpresas e aprendizados. Copio aqui o texto da primeira postagem:

“Tenho recebido muitas mensagens, como todos vocês, sobre este momento trágico na história da humanidade e planetário. Acredito que a maioria tenha seu cantinho de fé, seu altar, independente de credo, religião, espiritualidade. O cantinho de refúgio, da oração, do amor, onde todos nos conectamos com nossos guias, Jesus, Buda, protetores, Gurus, ancestrais, xapiris, encantados, santos e orixás. Abro os caminhos com meu altar e aguardo que você me envie inbox, uma ou duas fotos com uma frase do significado deste altar... Todos os dias irei postar os altares. O inesperado tem uma longa preparação.” (nota: xapiri = espírito da floresta, não conhecia essa palavra).

18.IV.2020 - Sábado

Hoje recebi a notícia de que a Tia Íris faleceu. Ainda não sei a causa, mas há suspeita de coronavírus. Foi totalmente inesperado, ela acordou passando mal, pediu para meu primo levá-la ao hospital e lá chegou sem vida. O que mais me abalou foi saber que o Ricardo teve que correr atrás de tudo sozinho. Não haverá velório. Acompanharão na despedida apenas meus dois primos e meu tio. E mais ninguém. Será preciso que as coisas aconteçam próximo a nós para que tenhamos noção da gravidade de uma situação? Talvez mais do que as vidas que essa pandemia vem ceifando mundo afora, o mais triste seja a solidão dos que partem sem poder se despedir.

20.IV.2020 – Segunda-feira

Hoje passei a tarde lendo trechos da antologia de escrita fragmentária da Olivia Dresher, *In Pieces*. Fiz algumas anotações que na primeira leitura passaram despercebidas.

Descobri que o novo livro dela, *A Silence of Words*, é uma coletânea de mensagens por ela publicadas no Twitter nos últimos dez anos. Fui conferir se ela ainda tuíta e descobri que sim, a mensagem de hoje é a que traduzo a seguir: “Essa pandemia empurrou nossas vidas para o universo digital de onde não mais sairemos. Vivemos online agora. As pessoas interagem virtualmente. (...) Acho que estou com o coração partido porque posso sentir meu modo de vida desaparecer, como se nunca tivesse existido”.

21.IV.2020 – Terça-feira, feriado de Tiradentes

Porque hoje é feriado de Tiradentes, tido como nosso herói nacional, me deu vontade de reler alguma coisa do Campbell. Nada a ver, claro. Pego meu estimado *A Jornada do Herói* e vou folheando, até que encontro uma anotação a lápis numa das páginas, que copiei de um livro da Karen Armstrong, *A Escada Espiral*: “O herói tem de partir sozinho, abandonando o velho mundo e os velhos hábitos. Tem de aventurar-se na escuridão do desconhecido, onde não existe mapa nem caminho visível. Tem de combater seus próprios monstros – não os monstros de outrem -, explorar seu próprio labirinto, sofrer sua própria provação para poder encontrar o que lhe falta. Assim transfigurado, pode levar algo de valor para o mundo que ficara para trás”. Somos todos heróis atravessando esse momento de escuridão. Bem-aventurados os que conseguirem sair desse labirinto melhores do que entraram.



Nota:

Diz Olivia Desher, autora de *In Pieces: An Anthology of Fragmentary Writing*, que uma das qualidades da escrita fragmentária é a ausência de um início ou de um

encerramento; ao invés disso, ambos estão unidos dentro de um meio curto e condensado. Para ela, a beleza desse tipo de literatura (que alguns nem consideram literatura, o que é uma bobagem) reside no fato de que um fragmento é uma “fatia da vida”, podendo ser uma expressão curta ou descrição de um pensamento, memória, insight, sensação, percepção, imagem ou experiência. Ela acredita que há uma energia presente nos fragmentos que dá ao leitor um sentido de liberdade, deixando tudo a cargo da imaginação.

Em outra obra sua, *Darkness and Light: Private Writing as Art – An Anthology of Contemporary Journals, Diaries and Notebooks*, Olivia publica excertos de diários e cadernos de notas de vários escritores e afirma que um diário pode ser qualquer coisa que o escritor quiser que ele seja, onde não há regras definitivas, onde qualquer coisa pode ser dita. Escrever um diário, reflete a autora, pode inspirar alguém a mudar o modo de pensar e de se expressar, deixando de lado o que lhe é seguro e familiar – nem que seja por um instante.

Em tempos de reclusão, um diário se mostra uma excelente ferramenta de autoconhecimento, uma prática onde você ao mesmo tempo se torna protagonista e espectador de sua vida, uma leitura de sua própria alma.